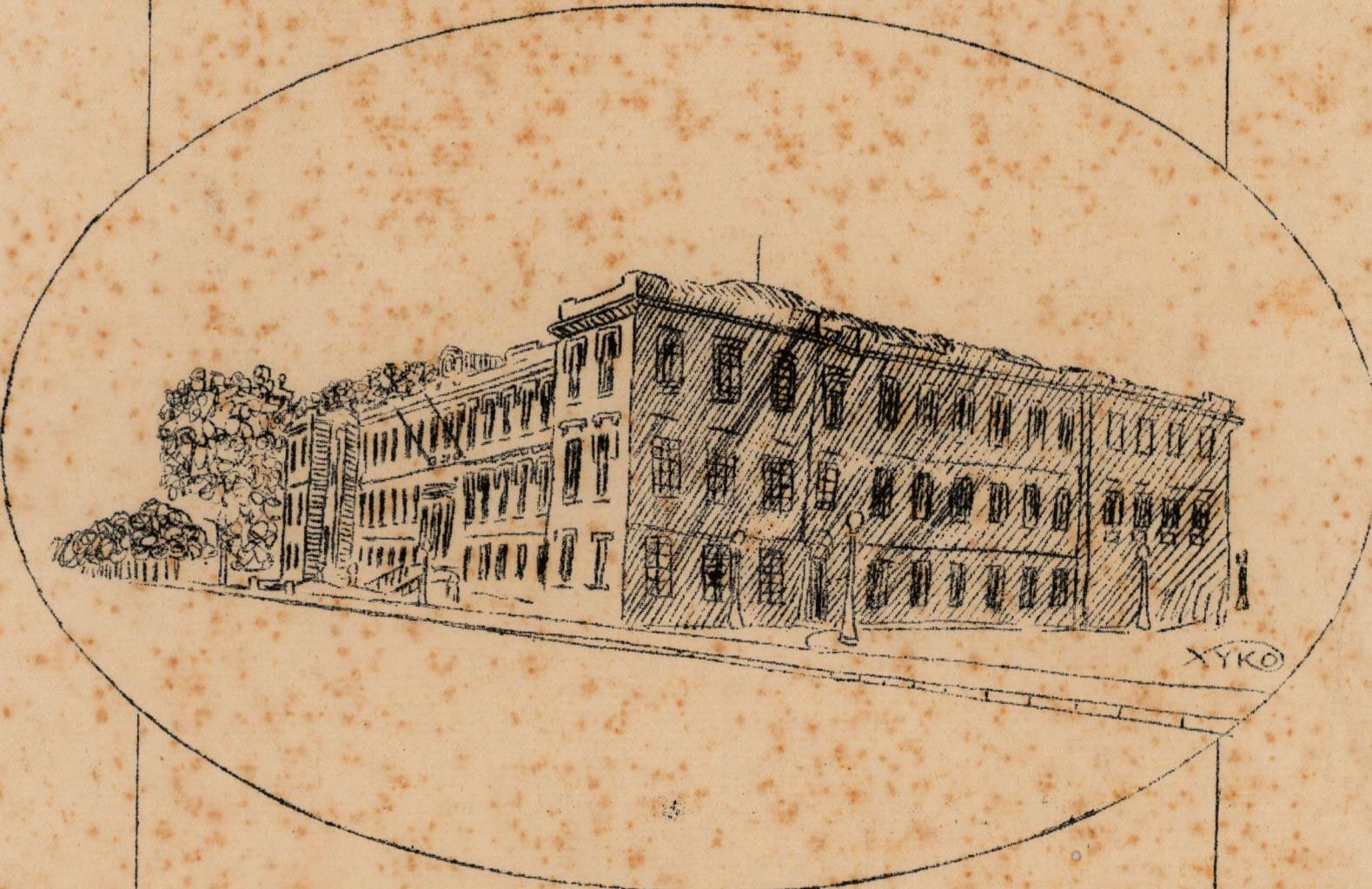


3

Kanal



Um «ninho» de Andorinha

FANAL

LETRAS + ARTE + HUMORISMO

ORGAN DAS ALUMNAS DA ESCOLA NORMAL DE CAMPINAS

Nº 4

Campinas, 20 de Setembro de 1928

ANNO I

Modernismos

SI, transpondo os umbraes do Tempo, apparecessem nossos avós no seculo em que atravessamos, surpresos e pasmos, balbuciariam tremulos:- Ó tempo, ó mores! Foram-se os nossos tempos, foram-se os nossos costumes!

Os costumes, mais que a sciencia, mais que o individuo, soffrem uma evolução continua e ininterrupta; e os nossos avoengos não reconheceriam, certamente, o mundo tão longamente por elles habitado, si na utopia que eu imaginei elles cá viessem ter.

A mulher, sobretudo, foi radicalmente transformada. Incumbiu-se o tempo de arrancar-lhe as pesadas tranças. Hoje, Shopaigneur não poderia mais affirmar que "a mulher é um bicho de cabellos compridos e idéas curtas!!"

O mesmo Tempo incumbiu-se de advogar o sexo feminino trazendo-lhe muitas das prerogativas outrora só disputadas pelos homens. Dahi o feminismo quasi triumphante. As portas da actividade e commercio foram-nos abertas ás escancaras e ninguem mais ignora que ha perfeito nivelamento entre a capacidade intellectual do homem e da mulher.

Tudo mudou, tudo evoluiu desde as mais comesinhas regras de civilidade até os mais alevantados gestos de cavalheirismo e fidalguia. Os mandamentos da civilidade, outrora venerados e obedecidos á risca, foram substituidos, naturalmente, por um código menos severo e mais facil.

Ha dias, num dos salões mais requintados da sociedade hodierna, chamaram-me a attenção para um facto irresistivelmente comico.

Um rapaz, envergando "smoking" e em perfeito alinhamento, de um canto do salão, por uma expressiva piscadela e um gesto significativo convidou u'a moçoila que se achava na extremidade opposta, á contradança que se ia iniciar.

Ella, desembaraçada e pernostica, mostrou sem extranhar que havia comprehendido e foi encontrá-lo no meio do salão quando o "jazz" iniciava os primeiros compassos de um "blak botton".

Que horror! O rapaz, de uma extremidade, por um piscar d'olhos convida a senhorinha...e esta vae-lhe ao encontro no meio do salão! Em futuro não muito remoto, os papeis inverter-se-hão, é o que prevejo. Será então a moça que irá convidar o cavalheiro a uma contradança.

E' bem o caso de repetirmos com nossos avós:

Ó TEMPORE, Ó MORES!

++ FANAL ++

Surpreendeu-nos ha di as uma collaboração publi cada no Diario do Povo, sob o titulo "REFLEXOS" e de autoria do sr. Eduardo Penha, cuja existencia só agora nos revelou.

Surpreendeu-nos por que, diziamos nós em nos sa apresentação:-

"e o jornal que hoje se publica não é senão fructo desse entusiasmo juvenil que enche nossos corações de moças. E si essa folha apparece pela primeira vez tão pequena e modesta, não nos desencorajemos, lembrando-nos das palavras do immortal José de Mattos: -NADA DO QUE É GRANDE COMEÇOU GRANDE.

FANAL não se tem desviado do programma que traçou no seu inicio, é um jornal de moças e para moças, e embora mantendo-se com sobra de recursos proprios não pretende por ora mudar a sua primitiva feição, que em nada deprime as suas fundadoras.

Trabalho feito com esmero e cuidadosamente impresso em superior papel, FANAL apresenta-se desasombroadamente em suas paginas bem feitas.

O sr. Eduardo Penha falou, pois, com a verdade em sua insinuação. Além disso, o autor de REFLEXOS indistinctamente presume que FANAL vá bater á porta alheia para implorar um auxilio de que não necessita, porquanto, elle não explicou claramente a sua qualidade como representante da revista.

As normalistas conhecem bem o valor do seu jornal e a somma de meios disponiveis, tanto moral como material, e não se deixam facilmente fascinar pelos REFLEXOS da vaidade e do luxo, que no fi

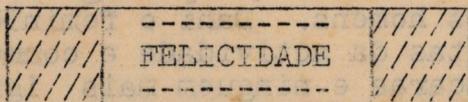
nal podem se converter em um lindo presente... de grego.

Admiradoras de tudo quanto revele progresso para Campinas, as normalistas não foram indifferentes ao apparecimento de uma nova revista, porém, ao sr. Eduardo Penha lembramos um conselho sabio:- "AMIGOS, AMIGOS... NEGOCIOS Á PARTE".

O illustre escriptor deve continuar a enriquecer as letras patrias com o producto reflexivo IRMANADO do seu talento, collocando-se na vanguarda da "SOCIEDADE DOS INTELECTUAES".

Felizmente, as pretensões do autor definidas no final dos seus "REFLEXOS" são bem significativas e elle sentiu-se á vontade no posto que escolheu. É pela porta que se entra.

NEM SEMPRE SE TRAZ LÁ.



Não, eu não tenho a pretensão de haver descoberto o segredo da felicidade...

E, bem certo é, que essa deusa tão adorada, vive a esconder-se dos loucos que a procuram, desdenhando sempre as maximas dos grandes pensadores; a elevação do espirito do sabio, a fortuna do millionario, a gloria do orgulhoso!

Todos a buscam, todos a querem e mui raros a possuem.

Será a Felicidade uma chimera, um sonho vão? E o coração humano se debate febrilmente na anciedade de querer ser feliz, na allucinação de exigir só ventura.

Alguem, talvez um mal creado, disse com muita razão: A Felicidade é effe

minina, e, portanto caprichosa; fogemos quando a procuramos e vem a nosso encontro, espontaneamente, quando della desistimos para cumprir um dever sublimo.

Desejae-a, ó humanos, mas não vos esqueçaes de que: "o prazer foge dos que o procuram e só se proporciona áquelles que o não tomaram por alvo".

-----o-----

No Xadrez do Fanal

Foram postas na praça as seguintes normalistas desta querida terrinha:-

Antonietta, 4 annos por estar noiva; Ruth C., 2 mezes por ser querida; Santinha B., 5 mezes por andar melancolica; Gedalia P., 8 mezes por estar namorando certo gymnasiano; Martha P., 8 mezes por amar a quem; Lydia H. 6 annos por ser sympathica; Amelia M. 4 annos por ser bella; Yolanda N. 2 annos por ser esbelta; Eglantina R. 16 annos por ser serpente; Nazira C. 3 annos por ser meiga; Nair V. 9 annos por ser graciosa; Lourdes M. 9 dias por ser elegante; Helena E. 14 mezes por ser amavel; Edith C. 5 annos por possuir um rosto seductor; Maria A. M. 3 annos por ser amorosa; Alice S.M. 7 dias por ser bondosa; Angelina N. 8 mezes por ser caçoante; Maria L.M. 1 anno por estar passando pela rua Barrão; Angela G. 9 mezes por ser mimosa; Mafalda S. 6 mezes por estar "flirtando"; Maria V. 11 annos por ser attraente; Regina F. 2 annos por ter um sorriso encantador; Sylvia H. 5 annos por amar e ser amada; Elza C.A. 10 mezes por possuir lindos olhos. Estas prisioneiras serão absolvidas, se alguem não concordar e não approvar o que disse a

ESTRELLA DO ORIENTE.

DO MEU AMOR...

Quando eu te vi, tinhas na bocca rubrade romã, um sorriso lindo... os olhos muito escuros, quasi ne gros, humedecidos n'uma claridade de luar... Eras lindo... Pallido, muito pallido, como uma flôr de magnolia... A alma romantica dos lyrios enluara dos vivia na tua pallidez...

E eu te amei... bebendo o veneno doce do teu sorriso, perdida na claridade dos teus olhos... Não,

nunca ninguem te amou tanto como eu te amei...

Foste a miragem encantadora que escravizou a minha alma, extasiou o meu olhar... uma perola de luz na téla macilenta da minha vida... Mas, um dia... A fatalidade de um dia, existe sempre na vida...

Um dia, fugiste de mim e longe vaes pelo mundo, alegre e feliz, numa alegria sonora, levando dentro de ti, um coração ainda moço, uma alma toda em primavera... E vaes em busca do teu sonho, do sonho que todos nós acalen-

tamos, ao embalo de verdes esperanças... Fugiste... sem ver que eu fiquei chorando sobre as pedras do caminho, a morte das minhas illusões, o teu derradeiro sorriso... Se algum dia voltares - felicidade impossível! - nessa manhã distante em que os malmequeres como estrellas de ouro, crescerem de corolla ao sól, a minha alma cantará jubilosa uma canção de primavera, louvando a ti, de liciosa creatura, creada do meu ceu e do meu calvario...

SANTA.

ERA em Junho, tempo em que as fazendas se alegam com as festas características de S. João e S. Pedro.

A propriedade do Sr. Vilar estava em regosijo: - Ia haver desafios, sambas e por fim um grande baile a caracter.

As moças preparavam as saias rodadas de chita e os moços os lenços vermelhos para o pescoço, a camisa xadrez e o chapéu de palha. Na vespera do dia de S. João chegou da capital um sobrinho do fazendeiro - o Carlito.

Era o perfeito typo de almofadinha: - calças largas, paletot demasiadamente curto, bigodinho, bengala e chapéu de lado.

Era tambem o maior conquistador do tempo e estava disposto a ferir muitas morenas.

Estas já o sabiam por Juquita "o crescido", filho do Sr. Vilar, e planejavam um meio de desforra.

Chegou a grande noite do festim. A fogueira crepitava levantando fagulhas. Os rojões estouravam, de todos os lados eram risadas em coro, ao estalar dos fogos.

O salão enfeitado de bandeirolas de papel de

A Desforra

seda, arcos de bambú e flores de S. João, regoitava de gente. Apresentaram ao Carlito uma galante moçoila, Graciema, a flor da redondeza.

Pouco depois o "flirt" estava iniciado: ella sorria, um sorriso terno e elle já se julgava senhor da situação (não se lembando que tambem tinha coração).

Baile em meio, ella olhou para as amigas, piscou e foi para o terraço.

Sem esperar segunda ordem Carlito foi atraz, encontrou-se na grade ao lado de Graciema e começou com um rosario de tolices. Ella ouvia e sorria.

Lá em baixo o jardim florido espargia o perfume das rosas, das violetas e manacá.

- Se estivessemos no tempo das fadas, pediria para ser aquella rosa bem vermelha; que linda!

- Já és uma flôr, Graciema, e a mais linda entre as lindas.

Ella sorriu.

- Eu pediria para ser um beija-flôr e ficaria eternamente junto a ti.

Novo sorriso e ella respondeu:-

- Não precisas ser beija-flor para me testemnhares tua attenção; eu me contento com a rosa vermelha do jardim.

Elle, já meio escravo aos encantos de Graciema, saltou a grade, colheu a magnifica flor e voltou triumphante.

Mas foi tão infeliz, que um espinho picou o dedo da moreninha fazendo sair uma gotta de sangue.

Ella corou de raiva, zangou-se, dizendo com desprezo:-

- Grosseiro! e dispuñha-se a entrar para o salão, quando Carlito, todo arrependido correu pedir-lhe desculpas.

- Só se te ajoelhares; sei que é humilhante, mas, ninguem verá e eu ficarei muito contente com essa prova de sinceridade.

Elle abaixou-se e... que horror, Graciema estava de botinas! Uma tempesta de de risos estourou do lado da porta apinhada de gente.

Carlito, atordoado, levantou os olhos... oh! horror. A sua Graciema estava sem cabelleira!... é que Graciema... era Juquita "o crescido"!

EGO.

MEU CORAÇÃO

Porque és triste, meu coração? E... por que choras quando os meus labios sorriem? Não te comprehendo! Talvez tu me enganes, porque quantase quantas vezes sorrimos para não chorar e o

nosso ser que é dotado de sentimentos, nos permitte que occultemos as lagrimas das dores e todas as amarguras, e então sorrimos... sorrimos... enquanto eu rolam lagrimas sentidas.

Oh! meu coração, por que tu choras tanto? Tantas alegrias e esplendores te rodeiam, e tu permaneces triste... triste... Porque será? Conta-me tu coração o que sentes, e só assim viverei feliz!...

Não mintas, não mintas como o mar, porque enquanto a luz o enfeita dando-lhe reflexos prateados, no fundo elle rugue sombrio e lugubre, abrindo em seu âmago aguas bravias que se espumam de colera e furor.

-Meu coração o que tu sentes? Conta-me! Desperta, dessa triste solidão e vive e canta!...

Meu coração, que sentimentos tu occultas, meus labios podem sorrir... viver sorrindo... porém não mais vive... e nunca mais se alegra! Nunca!

SOSINHA

"Aignorancia é peior que a cegueira".

XX

VERDADES QUE TODOS SABEM

2º Anno A

I

Reparei que a Geda Pires Passa tempos a scismar Talvez recorda a doçura De uns olhos da cor do mar.

A Aparecida de Souza Mui catita, mui garbosa Anda de uns tempos p'ra cá Gostando muito de... Rosa...

Porque será que a Yolanda Anda tão tristonha agora? Será que se apaixonou Enquanto esteve p'ra fóra?

A Martha Rangel Paranhos Enquanto se encontra aqui, Sente uma grande saudade De alguem que está em Mogy.

FADAZINHA.

XX

-- RABISCANDO --

Oh! Helena Souza Aranha Gosto muito de você Minha amizade é tamanha Que ultrapassa a do P. C.

A Elza qual linda fada Descrevendo sua paixão A gente fica encantada De ver tão grande affeição.

E da alegre Ondina Pires ? Que direi? Vamos ver. Ella é mesmo uma gracinha E' esse o meu parecer.

E aquelles olhos que matam... Já sabem? - é natural... Pois se tratando de olhos Só os da Ophelia Portugal.

Não vão ficar zangadinhas Com a minha indiscrição Todas vocês são boazinhas Porisso espero o perdão.

HELLEN.

O HOME E A MUIE'

O home é o sór, a muié a lua. O sór arde os oioç, a lua arde os coração.

O home é a noite, a muié o dia. A noite fa is medo, o dia dá cora ge.

O home é a porta, a muié a janellla. A porta dá entrada, a janellla deixa nois espiá agente que passa.

O home é o dedão, a muié o min guinho. O dedão é o per mero que ispia p'ra fó ra do buraco do sapato, o dedinho aguenta os ca lo.

O home é o sapato, a muié o chinello. O sapato enfeita, mais tamen doi no pé, o chinello discança e esquento os pé.

O home é a caneta, a muié a pena. A caneta carrega a pena e nois sigura nella, a pena es crevinha tudo que nois qué.

O home é o piris, a a muié a chicra. O piris sustenta a chicra na chicra nois bebe café quentinho.

O home é o bife, a muié o melette. O bife dá muque, o melette de licia o nosso estamo.

O home é a faca, a muié o garfo. A faca corta a coisa dura, o garfo garra as coisa fina p'ra nois cumê.

O home é o pé, a muié a mão. O pé pisanochão duro, a mão sigura no tra de quem agente qué bem.

Afinar:- O home tá nos fundo da garrafada branquinha e a muié na boca della.

MARÓCAS DE NHÔ VITU UGO

FANAL

Carnaval... em sonho

PERFUMES, risos, con-
fettis, serpentinas,
flores, musica... é o
carnaval que reina.

Vagando os olhos pelo
salão profusamente illu-
minado, descortino as fi-
guras que mais concorrê-
ram para abrilhantar a
festa.

Lá vae uma elegante co-
lombina: é a L. Nogueira;
uma "pierrete"brinca com
um risonho e alto arle-
quim: é a Ermelinda.

A um canto uma sympa-
tica castellã assenta as
pregas de seu vestido é
a Ondina Sidow. Quem é
aquella que alli vae, mer-
gulhada num mar de seda,
toda risonha? Ah! já sei
é a Marilia Brochado. Uma
rodinha de gente moça cha-
ma-me a atenção; lá está
uma egypcia com os seus
collares, ostentando um
vestido bordado de pedras
e perolas, que despedem
reflexos de arco iris, nu-
ma irradiação de cores:-
é a Martha Paranhos. - A
seu lado está uma japone-
zinha com o seu finissi-
mo "kimono" de seda e um
crysanthemo amarello co-
mo o sol do Japão ornan-
do-lhe o cabello, reconhe-
ço nella a M. José Rocha
Mattos.

Sentada numa poltrona,
melancholica, afundada em
ondas vaporosas e fluctu-
antes de gaze, uma more-
ninha scisma, com os seus
olhos profundos e myste-

riosos, como a terra do
orienté... é a Estella
Ferrão, vestida de sonho,
como bem diz o seu vestua-
rio que ao menor sopro
de brisa esvoaça em pan-
nos vaporosos...

Ao som do "jazz-band"
dança um par singular:-
elle um bandarilheiro com
sua capa a esvoaçar com
o compasso de uma valsa,
ella uma floresta, olhos
verdes e tristes, com o
seu vestido marchetado de
flores azues como o céu
do Brasil, essa é a Elza
Castro Andrade.

Lá vae, outro par a Dir-
ce Barros, em trajés de
cigana, um amor!! e mais
além uma exotica moreni-
nha, a Genny Martins, com
a sua cartolinha de lado,
sua bengalinha e com sua
phantasia futurista des-
tribue sorrisos a todos.

Entro na "terrasse" da
direita. Um discreto "abat-
jour" verde derrama a sua
frouxa luz sobre as cou-
sas, o que dá um ar poe-
tico e agradável. Exorna-
do de flores e palmeiras
esse recanto é um - eden
que nos convida a nelle
se refugiar para meditar
e... é isso que faz uma
linda mocinha, a Yolanda
Duarte, sentada num artis-
tico banco de marmore,
dando-me a impressão de
estar vivendo naquelles
tempos das saias balão,
e das quadriñhas lentas
dançadas ao olhar vigi-

lante das boas mães...

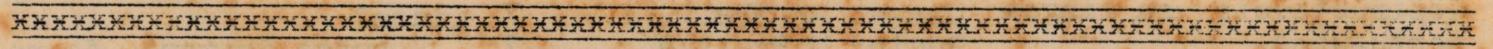
A musica parou. Lá no
salão começa a batalha
de "confettis". - Vejo a
Thereza Rocha, uma pasto-
rinha; a M. Pastana, uma
pescadora que se debate
n'uma trama de serpenti-
nas. Quem é essa que pas-
sou pela minha frente,
linda como as fadas dos
contos infantis? É a Ma-
rina P. Corrêa, com a sua
boquinha entreaberta dei-
xando entrever duas pé-
quenas perolas...

Passo para a "terrasse"
da esquerda; paira deli-
cioso perfume no ar... O
fulgor da lampada cae so-
bre um bello rosto que
emerge de uma finissima
mantilha de rendas; so-
bre as palpebras abaixa-
das os seus negros cilios
velam uns olhos de vellu-
do, é a Edith Campos essa
hespanhola.

Lá fóra no jardim, sob
a luz do luar e das lan-
ternas chinezas passeiam
alguns parés; lá está a
Siomara Morato com o seu
carpete bordado de mala-
cachetas reluzentes; - a
Eglantina Ribeiro com os
seus olhos ternos; a Re-
gina, uma attrahente ori-
ental.

E agora que mencionei
tantas moças, hão vocês
de estar curiosas por
saber quem sou, pois bem,
vocês me viram lá, sou

MOMO.



Ouvir dizer...

...que a Arlette anda
nadando num mar de viole-
tas (para variar).

...que a C. Ribeiro es-
tá ficando cada vez mais
myope de tanto olhar para
certos olhos...

...que a L. Guilherme-
gosta immenso de Historia.
(Não é para menos).

....que a Irene C. não
gostou muito de a criti-
carem no ultimo numero do
"Fanal". (Vê lá, que só as
verdades offendem).

...que a F. Franco não
gosta muito da separação.
(Mas, Amparo é tão perto,
é facil matar as sauda-
des...)

...que a Ermelinda gos-
ta demais de escrever. (O
que?!)

...que a H. Escobar vi-
ve perguntando se falta
muito para chegar Dezem-
bro. (Quantas saudades).

...que a Didica P. gos-
ta immensamente dos sab-
bados. (Que predilecção)...
particular é essa).

...que sou uma

SOGRA.

NOTAS DE PORTUGUÊS
F. ASSIS CINTRA

UM COPO D'AGOA

Um dia, certo escriptor, por fas ou nefas, entendeu ter descoberto uma grande cousa, e proclamou: é errado dizer-se um copo d'agoa.

O dito correu mundo, palmitou terras, e fez época. Entretanto, a pobre expressão, hoje em desprezo, é legitima de Braga, é perfeitamente vernacula.

A preposição de conta 23 propriedades. Uma delas é a de designar a matéria de que se faz uma cousa.

Exemplo: vela de sebo. Outra, de origem evidentemente popular, de uso geralizado, apadrinhada por muitos classicos, é a de designar conteúdo ou cousa contida em outra. Exemplo: um copo d'agoa. Aos amigos de auctoridades dizemos que Silva Tullio assim pensa também. (Estudinhos, pg. 7).

É um pedantismo, e como tal deselegante, condegnavel, dizer-se como fazem muitos pisa-verdes para embasbacar os que elles julgam pacovios:-

-Queira dar-me um copo com agoa...

Dizemos:-

copo d'agoa;
chicara de café;
garrafa de cerveja.

São expressões estas indestructiveis na lingua portugueza.

Deixemos aos almofoadinhas e ás melindrosas a pedantesca exhibição de sapiencia bolorenta.

E elles que digam:-

copo com agoa;
chicara com café;
garrafa com cerveja;

Certa vez, em Santos, um dos taes pisaverdes achou-se ao commissario cafelista, coronel F., com

quem palestravamos, e disse-lhe a queima roupa:-

-Coronel quer comprar 5.000 arrobas com café?

O coronel olhou-nos e retrucou ao zangão:

-Olha rapaz, arrobas de café sei o que é, mas arrobas com o dito, você me explique o que vem a ser isso.

-----o-----

* * ALUGA-SE: * *

A sympathia e meiguice de Mafalda; os cabellos de Dircilla; a comicidade irresistivel de Zizi; a demissão da Marina; a saia curta da Dulce; os olhos obliquos da Carmem; o Tamarão de Angela; as discussões continuas de Mercêdes; a felicidade de Ondina e Maria V.; o "cachecoll" de Nazareth; o riso facil da Esthersinha; o convencimento infundado da Helena e as zangas da Alice C.

Os interessados podem dirigir-se a sala do 4º anno, tratar com

Yo-Yo.

-----o-----

CONCURSO DO "FANAL"
oooooooooooooooooooooooooooo

Registo de votos:-

Maria Mendes.....	19
Ruth Cabral.....	18
Alice Carrera.....	12
Clotilde V.Boas.....	10
Marget Aranha.....	7
Regina M.Freitas.....	7
Marilia Brochado.....	5

As seguintes obtiveram menos de 5 votos:
Lucila, Guilherme, Clara C. Franco, Gessy de Oliveira, Dinorah Nogueira, Lydia Helving e Helena So^{ria}.

O concurso será encerrado no mês de Outubro, proximo.

NOSSO CORREIO

Lela, Camelia, Myosotis, Any - Seus artigos deixam de ser publicados por falta de espaço.

Boneca - Sua chronica não pôde ser publicada. Compreende porque?

Amarantho - A secção de Graphologia foi supprimida, pelo que seu pedido não pôde ser attendido.

Jary - Envie chronicas mais simples e com grande prazer as publicaremos.

-----o-----

QUANDO DEIXARÁ?...

A Eglantina R. o seu orgulho, manifestado em todos os momentos?

-Isso empobrece a alma em vez de enriquece-la.

A Angelina N. de criticar os outros?

-Olhe menina, quem critica, criticado será.

A Rosa S. de fazer suas gracinhas em aula?

-Algum dia, menina, hão de sahir bem caras as suas graças.

A Ristory C. certas brincadeiras de rabixos nos intervallos?

-Um dia será você mesma a victima.

A Nazira C. a sua melancholia?

-Para o anno talvez.

A Yolanda N. as suas sabias manifestações nas aulas de Algebra?

-Será que sabe mesmo?

A Stella C. as suas tristezas?

-Serão sinceras ou fingidas?

E nunca deixará de reparar e observar as coisas o MODELO.

A NORMALISTA "IDEAL"
DE CAMPINAS

É

Votante: